



MIGUEL STROGOFF



MIGUEL STROGOFF

2ª Edição

 EDITORA
RIDEEL

EXPEDIENTE

PRESIDENTE E EDITOR	Italo Amadio
DIRETORA EDITORIAL	Katia F. Amadio
ASSISTENTE EDITORIAL	Edna Emiko Nomura
ADAPTAÇÃO	Margareth Fiorini
ILUSTRAÇÕES DE CAPA	Susy Braz Reijado
REVISÃO	Tiago Sliachticas
NOTAS DE RODAPÉ	Mônica Hamada
ROTEIRO DE LEITURA	Ana Tereza Pinto de Oliveira
EDIÇÃO DE ARTE	Hulda Melo
DIAGRAMAÇÃO	Denilson dos Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hélio Ramos
IMPRESSÃO	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

VIVEROS, LILIAN CRISTINA, 1964

COLEÇÃO JULIO VERNE / JULIO VERNE; ADAPTAÇÃO LILIAN CRISTINA VIVEROS. – 2. ED. – SÃO PAULO: RIDEEL, 2009.

CONTEÚDO: CINCO SEMANAS EM UM BALÃO – MIGUEL STROGOFF – VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2. VERNE, JULES, 1828-1905 I. TÍTULO.

09-01445
028.5

CDD-

ISBN: 978-85-339-1178-9

© Copyright - Todos os direitos reservados à



Av, Casa Verde, 455
Santa Terezinha - São Paulo - SP
CEP 02519-000
www.rideel.com.br
e-mail: sac@rideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, seja mecânica
ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia
permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2
0 4 0 9

Prefácio

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.



N o grande e mais belo salão do Palácio Novo realizava-se um baile organizado pela Corte. O principal personagem da festa vestia o uniforme dos caçadores da guarda. Era um homem alto, de temperamento calmo, mas que em meio a tantas pessoas procurava esconder uma grande preocupação. O General Kissoff entregava a esse homem um telegrama vindo de Tomsk.

— Então, agora não temos como nos comunicar com o meu irmão Grão-Duque¹ — disse ele, inquieto.

— Isso mesmo, Senhor! E é de se temer que em breve os telegramas não atravessem a fronteira siberiana.

Sabia-se que os tártaros² ainda não haviam passado o Irtixe e o Obi e que nenhuma notícia sobre o paradeiro do traidor Ivã Ogareff se confirmara. Dois convidados, que não ostentavam qualquer condecoração, pareciam muitíssimo bem-informados sobre esses fatos.

Um era inglês, o outro francês; altos e magros. Um era calmo, de fala lenta; o outro, falador e cheio de movimentos. Correspondente do jornal *Daily Telegraph*, o inglês Harry Blount era “todo ouvidos”. Já o francês, que não dizia o nome do jornal para o qual trabalha-

¹ Grão-duque: título de alguns príncipes soberanos.

² Tártaros: o natural ou habitante da Tartária, região da Ásia localizada na atual Mongólia.



va, era “todo olhos”. Chamava-se Alcide Jolivet e dizia que sua “prima Madalena” adorava viver bem-informada. Ambos amavam a profissão e faziam de tudo para obter um furo de reportagem. Tinham vindo cobrir a festa do Palácio Novo e farejavam que algum mistério rondava o ar naquela noite.

O General Kissoff voltou-se outra vez para o homem fardado de oficial da guarda com a notícia de que a partir daquele instante os telegramas não iam além de Tomsk.

— Mandem-me imediatamente um correio! — e retirou-se repentinamente da festa.

Uma terrível invasão ameaçava as províncias siberianas. A Sibéria, vasta região que vai dos montes Urais ao Pacífico, divide-se em governos ou províncias — Tobolsque, Ienissei, Ircutsque, Omsk e Iacutsque — e inclui a terra dos quirguizes e a dos chutchis. Possui dois governadores-gerais, representantes do Czar³, um residente em Ircutsque, capital da Sibéria Oriental, outro em Tobolsque, capital da Sibéria Ocidental. Apenas o telégrafo liga as duas cidades e a Sibéria à Rússia europeia, e foi por isso que o Czar pedira um correio ao saber que o fio telegráfico fora cortado.

O Czar estava em seu gabinete quando apareceu o chefe de polícia, que não teve dificuldades em fazer um relato sobre o perigosíssimo Ivã Ogareff. A sua história resumida começara com o episódio em que, após meter-se em intrigas, perdeu seu posto de coronel por ordem da Alteza, o Grão-Duque, e foi exilado para a Sibéria. Aproximadamente dois anos depois,

³ Czar: título que se dava ao imperador da Rússia.

fora perdoado pela própria Majestade. Retornou à Rússia e pouco depois voltou à Sibéria, mas no momento ninguém sabia onde ele se encontrava. Quanto ao seu caráter, era um homem muito inteligente e com uma ambição desenfreada. O Czar também tinha mais algumas informações sobre Ogareff. Sabia que ele havia atravessado os Urais, indo depois para o Turquestão, onde conseguiu o apoio dos chefes rebeldes e se empenhou na invasão tártara. Além disso tudo, o tal homem queria vingar-se na pessoa do Grão-Duque.



Antes de ser cortada a comunicação entre Ircutsque e Moscou, o Grão-Duque recebera os últimos telegramas dizendo-lhe onde esperar socorro, mas ele ignorava que Ivã Ogareff, além de rebelde, era traidor e seu inimigo pessoal. Embora o tivesse punido, o Grão-Duque não o conhecia pessoalmente. Então, Ogareff, sob um nome falso, tinha a intenção de chegar a Ircutsque, oferecer seus serviços ao irmão do Czar e, assim, entregar a cidade e o Grão-Duque aos rebeldes atacantes.

Era de rezear que grande parte da população “quirguiz” se aliasse aos invasores. Dividida em três acampamentos, suas tribos ora reconheciam a soberania da Rússia, ora a de diversos soberanos tártaros que utilizavam todos os meios para tomá-los ao domínio moscovita⁴. Os tártaros tinham em Bucara seu grupo mais importante. Governava essa parte da Tartária o ambicioso e feroz Emir⁵ chamado Feofar-Khan, que, contando com a valiosa colaboração de Ivã Ogareff, iniciara a invasão da Sibéria.

⁴ Moscovita: natural ou habitante de Moscou.

⁵ Emir: título dado aos chefes de certas tribos ou províncias



Com o corte do telégrafo, era impossível conhecer a posição exata das tropas do emir e prevenir o irmão do Czar da ameaça à sua vida. Somente um correio poderia substituir o telégrafo, necessitando acima de tudo muita inteligência e coragem para atravessar as linhas târtaras. “Mas haveria uma pessoa assim?”, pensava o Czar.

O General Kissoff conseguiu, para felicidade do Czar, um homem à altura da missão. Com trinta anos de idade, nascido na Sibéria, em Omsk, era a pessoa mais capacitada para esse dever. Forte, corajoso, resistente e de uma lealdade a toda prova. Miguel Strogoff, esse era seu nome, entrava no gabinete imperial. Um rapaz bonito, largo de ombros e peito, de porte elegante e passo firme. Era sóbrio de gestos⁶, mas ágil e vivo no andar, demonstrando seu temperamento decidido. Pertencia ao corpo especial dos Correios do Czar, no qual ocupava o posto oficial. Por ser siberiano, Strogoff conhecia muito bem a região a atravessar e falava os seus vários dialetos⁷.

Miguel, órfão de pai havia dez anos, amava muito sua mãe, a velha Marfa, que jamais quisera sair da mansão dos Strogoff em Omsk, onde vivera com seu marido, Pedro Strogoff. O pai de Miguel era um excelente caçador e, devido à sua profissão, soube orientar bem o filho a sobreviver nas mais diversas situações. Aos vinte anos, Miguel entrava para o serviço especial do Imperador, no Corpo dos Correios do Czar, conseguindo uma rápida ascensão pelo seu desempenho e sua inteligência em missões que cumpria. Passava as férias com a mãe, mas já fazia três

muçulmanas.

⁶ **Sóbrio de gestos:** moderado; comedido no gesticular.

⁷ **Dialeto:** linguagem particular de uma região, que se considera como variedade de uma

anos que não a via, devido a uma difícil tarefa no sul do império. Ia gozar de nova licença em Omsk quando o chamaram a mando do Czar.



O Czar parecia satisfeito com o correio. Chamou o chefe de polícia e ditou-lhe em voz baixa uma carta de poucas linhas que foi lida, assinada e em seguida lacrada com as armas imperiais⁸. Foi então que o Czar fez sinal para Miguel Strogoff aproximar-se.

— Essa carta deve ser entregue em pessoa ao Grão-Duque, e a mais ninguém. O Grão-Duque está na localidade de Ircutsque. Terá, para tal, que atravessar uma região invadida pelos tártaros, que tudo farão para tirar essa carta de você. Portanto, desconfie de todos, principalmente do traidor Ivã Ogareff, que procurará impedi-lo, por todos os meios, de cumprir sua missão.

— Terei muito cuidado.

— É provável que você passe por Omsk. Se vir sua mãe arrisca-se a ser conhecido. Jamais, seja qual for a situação, deverá confessar sua identidade nem seu destino.

— Não irei vê-la e juro que farei o possível para cumprir minha missão! — afirmou Strogoff.

Miguel Strogoff precisava partir imediatamente. O general Kissoff lhe fornecera uma boa quantia em dinheiro, que lhe permitia viajar com facilidade, e também entregara a Miguel uma licença especial de viagem, atravessando fronteiras, feita em nome de Nicolau Korpanoff, negociante residente em Ircutsque. Autorizava-o a se fazer acompanhar de uma ou

língua.

⁸ Armas imperiais:
insígnia ou escudo



mais pessoas, se necessário, permitindo-lhe viajar mesmo no caso de o governo proibir a todos os outros súditos⁹ a saída do país. O rapaz, portanto, passar-se-ia pelo negociante Korpanoff, viajando de Moscou a Ircutsque como qualquer pessoa comum.

Na manhã de 16 de julho, Miguel iniciou sua viagem. Como armas, levava ocultos um revólver e sua faca de caçador siberiano. O trem deveria levar dez horas para chegar a Nijni Novgorod, término da ferrovia, de onde o correio partiria por terra, ou viajaria de barco, na direção dos Montes Urais.

A maioria dos passageiros era composta de mercadores que se dirigiam à famosa feira de Nijni Novgorod e comentavam sobre as consequências da revolução em seu comércio. Um estrangeiro estava bem atento a todos os comentários. O viajante era nada menos que o correspondente Alcide Jolivet. Em outro compartimento do trem viajava Harry Blount, colega de Jolivet, que, muito observador, obtinha da conversa dos vizinhos informações sobre a invasão tártara.

O governo tomava medidas drásticas para evitar que a rebelião se alastrasse. A polícia ainda não descobrira qualquer vestígio de Ivã Ogareff e em cada estação de parada inspetores da polícia examinavam minuciosamente os passageiros. Na estação de Vladimir subiram novos viajantes, entre os quais uma moça, que entrou no compartimento em que viajava Miguel Strogoff e ocupou um lugar vazio ao seu lado.

Uma jovem muito bonita, aparentando dezesseis ou dezessete anos. Cabelos loiros, olhos castanhos, nariz reto, rosto fino e pálido. Embora muito moça,

tinha expressão de quem sofrera muito. Porém, via-se que estava disposta a lutar contra a desgraça com calma e coragem. Essa era a impressão de Strogoff, que não só se sentia muito atraído pela meiga aparência da jovem, como também pela sua coragem em enfrentar sozinha uma viagem dessas nas circunstâncias em que se encontravam.



Às oito e meia chegavam a Nijni Novgorod. Antes de os passageiros desembarcarem, a polícia entrou no trem e examinou todos. Miguel mostrou sua licença e não teve dificuldades. A moça apresentou uma licença de viagem com selo especial e, após uma conversa com o inspetor, Strogoff descobriu que ela estava a caminho da Sibéria, que os tártaros acabavam de invadir. Ao se abrirem as portas dos carros, Miguel tentou se aproximar da jovem, mas ela já havia desaparecido na multidão.

Strogoff foi à agência dos barcos a motor da cidade e descobriu que teria de esperar até o dia seguinte para seguir viagem. Como nenhuma outra condução chegaria mais depressa a Perm, não tinha outro jeito senão esperar. Procurou alojamento e, após o jantar, deu uma volta na cidade. Seus pensamentos fixavam-se na moça que vira no trem e nas dificuldades que ela, sozinha, encontraria para chegar até Irkutsk.

Depois de caminhar quase uma hora, sentou-se num banco de praça. De repente, alguém pôs a mão no seu ombro e lhe perguntou o que fazia ali. O estranho parecia um cigano de feira e, de fato, Miguel pôde perceber que por perto havia uma carroça cigana. O homem ia talvez agredi-lo quando



uma mulher saiu da cabana e, usando um dialeto rude, chamou-o para dentro.

— Sim, Sangarra. Amanhã já teremos partido. É o Pai que nos envia... ao lugar aonde queremos ir!

Miguel, que praticamente conhecia quase todos os dialetos usados entre a Tartária e o mar Glacial, pôde ouvir bem a conversa sem, contudo, entender o sentido oculto utilizado pelos ciganos. Depois disso, Strogoff foi para a hospedaria, onde passou a noite. No dia seguinte, antes de embarcar, resolveu visitar a feira que acontecia na cidade baixa.

De súbito, circulou a notícia de que medidas graves e excepcionais iam ser tomadas pelo governo, o que gerou os mais descontraídos boatos. Pouco depois apareceu o chefe de polícia, que parou no centro da praça, desdobrou um papel e leu:

Decreto do Governador de Nijni Novgorod:

1º) É proibido a qualquer súdito russo deixar a província, seja qual for o motivo.

2º) Ordena-se a todos os estrangeiros de origem asiática que deixem a província dentro de vinte e quatro horas.

Com a proibição, talvez se conseguisse deter Ivã Ogareff, se por acaso ele estivesse em Nijni Novgorod, como supunham; e, com a expulsão, livrariam da província os estrangeiros que atuavam, em sua maioria, como espões dos rebeldes.

Ouvindo a leitura do decreto, Miguel lembrou-se do diálogo dos ciganos: “É o Pai que nos envia... ao

lugar aonde queremos ir!” O Pai significava o Czar, pois é assim que o povo o chama. Mas como os ciganos tinham adivinhado essa medida e para onde queriam ir? Parece que o decreto mais os beneficiara do que prejudicara. No entanto, esse pensamento logo foi afastado por um outro, a lembrança da jovem do trem. A licença que ela trazia de nada valeria no momento. Não poderia entrar na Sibéria. Miguel Strogoff queria ajudá-la e saiu para procurá-la. Às onze horas resolveu apresentar sua licença ao chefe de polícia. Enquanto aguardava sua vez de ser atendido, olhou ao redor e viu num banco a tal moça, que trazia no rosto uma expressão de desespero. Feliz por encontrá-la, ele se dirigiu até ela, que, instintivamente, levantou-se como quem vai pedir ajuda. Mas nesse exato momento o inspetor chamou o correio, que teve de acompanhar o oficial. A jovem, desanimadamente, sentou-se outra vez.



Alguns minutos depois, Miguel ressurgiu e estendeu a mão para a moça, chamando-a de irmã. Não foi preciso mais nenhuma palavra, pois ela compreendera tudo.

— Minha irmã — disse ele —, já temos autorização para irmos até Ircutsque. Vamos?

— Vamos, meu irmão — respondeu ela pondo sua mão na mão de Miguel.

Pouco antes do meio-dia o navio “Cáucaso” estava pronto para largar. Strogoff e a jovem entraram no navio sem dificuldade, pois a licença do correio o autorizava a levar qualquer acompanhante. E, na condição de irmãos, viajariam com a garantia da polícia



imperial. A viagem seria longa, pois sessenta horas separavam Nijni Novgorod de Perm.

Miguel deixou a moça no camarote, e ela preferiu contar no dia seguinte o motivo de sua viagem até Ircutsque. Por sua vez, o rapaz foi ao convés em busca de informações sobre a invasão. Apesar de nada escutar que o interessasse, em dado momento ouviu dois passageiros falarem russo com forte sotaque estrangeiro. Eram os correspondentes Jolivet e Blount, que, por não serem nem russos nem de origem asiática, puderam deixar a cidade e embarcar no vapor.

Depois da meia-noite, quando todos dormiam, Miguel Strogoff pôs-se a andar pelo navio. Subia a escada da proa quando ouviu vozes vindas de um grupo de passageiros impossível de distinguir na escuridão. O rapaz pareceu reconhecer as vozes da mulher e do homem que escutara em Nijni Novgorod e conseguiu ouvir o seguinte diálogo em idioma tártaro:

— Dizem que um correio foi mandado de Moscou a Ircutsque!

— Pode ser, mas ele chegará tarde demais, e se por acaso chegar...

Miguel tentou certificar-se se era o mesmo casal de ciganos da feira, mas a escuridão não permitiu. Voltou à popa sem que ninguém o visse, no entanto estava inquieto por ter a certeza de que alguém sabia de sua existência, e por um motivo muito especial.

No dia seguinte, o “Cáucaso” atracou em Kasan, por onde ficaria apenas uma hora. Miguel achou

melhor não desembarcar e ficou atento às informações dos passageiros recém-embarcados que, entre outras coisas, diziam tornarem-se cada vez mais difíceis as comunicações entre a Sibéria e o império. Preocupado com essa notícia, o mensageiro sentia-se ansioso para executar o mais depressa possível sua missão. Dos passageiros que desembarcavam, Miguel viu os jornalistas e os ciganos de Nijni Novgorod. Agora ele tinha certeza de que o diálogo da noite anterior partira dos dois ciganos. O velho estava entre os companheiros, como se quisesse passar despercebido. A seu lado caminhava Sangarra, mulher de 30 anos, morena, alta e bonita.



Uma hora mais tarde soou a sineta e o navio preparou-se para partir. Depois do almoço, feito em companhia de Miguel — que se apresentara como Nicolau Korpanoff —, a moça contou um pouco de sua vida.

— Chamo-me Nádía Fédor e sou filha de um exilado. Faz um ano que minha mãe morreu, em Riga, e agora vou para Ircutsque viver com meu pai. Somente em Moscou eu tive conhecimento da revolução tártara.

— E mesmo assim continuou a viajar? — perguntou Strogoff.

— Eu precisava, era o meu dever.

Essa resposta dava bem uma ideia do caráter firme e leal da jovem, que jamais hesitava em cumprir suas obrigações. Falou depois no pai, Vassili Fédor, médico estimado em Riga, exilado para Ircutsque por ter se filiado a uma sociedade secreta estrangeira, mal poden-



do se despedir da família. À custa de muita luta e persistência, Nádia obtivera licença para viver com o pai em Ircutsque. Miguel, que não falou muito de si, explicou que com sua licença eles podiam ter passe livre em qualquer posto sob a fiscalização de autoridades russas. Fazia questão de entregá-la sã e salva ao seu pai.

No dia seguinte, 18 de julho, o “Cáucaso” atracou em Perm, terminando assim a parte fluvial¹⁰ da viagem. Miguel conseguiu um taretass, carro de quatro rodas com capota e guarda-lama. Usando sua licença, pôde atrelar três cavalos ao carro.

Para passar da Rússia à Sibéria era preciso transpor os Montes Urais, o que deveria ser realizado no fim da noite. No entanto, uma tempestade parecia impedir a realização da viagem. Por fim o temporal desabou, e com muita cautela Miguel e o cocheiro tentaram dominar os cavalos. Os animais, com certa dificuldade e pavor, conseguiram atingir uma estreita abertura na estrada, onde ficariam ao abrigo do temporal. Era uma hora da manhã e a chuva, que aumentava de intensidade, tornava impossível o prosseguimento da viagem.

De repente, Nádia ouviu gritos vindos da parte superior da estrada. Parecia o apelo desesperado de viajantes em perigo. Miguel deixou Nádia com o cocheiro e partiu, decidido a localizar os viajantes em dificuldade. Na estrada, a uns 20 passos, avistou duas pessoas acomodadas no banco traseiro de um estranho veículo, aparentemente atolado. Ao aproximar-se, Strogoff reconheceu os correspondentes que vira no “Cáucaso”.

⁹ Súdito: que está sujeito à vontade de

Os homens se dirigiram para o correio e explicaram que o cocheiro continuara a viagem na parte anterior do veículo, deixando-os encalhados, sem rédeas nem cavalos. O correio do Czar acreditava que o cocheiro nem dera pelo incidente, então não se opôs em emprestar um de seus cavalos. Apesar de preferir viajar só, não achou inconveniente em fazerem juntos aquele trecho da viagem. Antes de chegarem à encosta onde estava Nádia, Strogoff perguntou sobre a invasão tártara.



— Nós sabemos que os tártaros invadiram Semipalatinsque e descem o Irtixe — disse Jolivet.

— E que o Coronel Ogareff, disfarçado de cigano, conseguiu atravessar a fronteira e em breve estará reunido aos tártaros — completou Blount.

Miguel tentou recordar-se do velho cigano de Nijni Novgorod e de sua estranha companhia.

Seis horas mais tarde, chegavam a Ecaterimburgo, uma cidade importante que não oferecia dificuldades de condução para os viajantes. Miguel só precisava trocar os cavalos para tomar o caminho para Ircutsque, via Ichim, para onde também se dirigiam os jornalistas. Viajaram juntos — Nádia e Miguel num carro, seguido por outro onde iam os repórteres — com a condição de que era preciso viajar dia e noite, só parando nos lugares onde trocariam os cavalos. Strogoff, cada vez mais preocupado e impaciente, apressava os cavaleiros e quase não dava tempo aos companheiros de se alimentarem satisfatoriamente.



Ao passarem por uma aldeia, tiveram notícias de que as tropas do inimigo Feofar-Khan se aproximavam no vale do Ichim, e que Ivã Ogareff já devia ter-se unido aos tártaros. Isso ocasionava mais impulso à invasão e as tropas enviadas da Europa pelo Czar não poderiam detê-la.

No dia 23 de julho, a apenas uns 30 quilômetros de Ichim, Miguel avistou um veículo a sua frente. Ele e seus companheiros deveriam ultrapassá-lo para chegarem antes à próxima cidade, a fim de conseguirem cavalos disponíveis. Quando o carro de Miguel emparelhou com o outro, uma cabeça surgiu à portinhola e uma voz gritou-lhe que parasse. Como não obedeceu, uma disputa furiosa travou-se entre os veículos. A vitória pertenceu a Miguel, seguido pelos jornalistas, e às oito horas entravam em Ichim. Dez minutos depois o carro de Strogoff estava pronto para partir, aparelhado com bons cavalos. De repente um carro estacionou no lugar onde Miguel trocara os cavalos. Pouco depois um homem alto, forte, de grandes bigodes, aparentando uns 40 anos, apareceu na sala à procura de cavalos. O dono da cocheira explicou que os únicos cavalos disponíveis tinham sido atrelados ao carro do outro homem ali presente e apontou para Miguel.

— Pois então tire os animais dele! — ordenou rispidamente o recém-chegado.

O correio do Czar não tinha intenção de brigar, pois sabia que poderia prejudicá-lo, mas também não cedeu os cavalos. O viajante insistiu e, como Strogoff mantinha-se firme em sua decisão, o homem, com o cabo de

seu chicote, golpeou com violência o ombro do rapaz. Ante o insulto, Miguel empalideceu, mas dominou-se a tempo, compreendendo que uma briga, além de ser um retardo¹¹ na viagem, significava um fracasso da missão. Miguel permaneceu imóvel, e o homem conseguiu que os cavalos fossem atrelados ao seu carro. Os jornalistas não compreenderam a atitude do moço e saíram. Nádía entendeu que somente razões importantíssimas o faziam agir assim perante tamanha humilhação. Ela nada lhe perguntou, limitando-se a um aperto de mão, mostrando sua solidariedade.

Miguel manteve-se mudo durante toda a noite em que foram obrigados a passar em Ichim, pois só no dia seguinte teriam cavalos à disposição. Strogoff precisava descobrir a identidade do homem que o provocara. Jamais esqueceria aquele rosto!

No dia seguinte puderam partir. Pelas 7 horas da noite, tinham atravessado o Ichim e retomavam a corrida na estepe¹². Em 25 de julho chegaram às margens do Irtixe, um dos maiores rios da Sibéria. Tomaram uma balsa para atravessá-lo. Estavam prestes a atingir a margem oposta quando Miguel avistou vários barcos avançarem com rapidez na direção da balsa. Eram os tártaros! Os barcos inimigos não tardaram a chegar. Miguel preparava-se para saltar, e Nádía ia acompanhá-lo, quando um golpe de lança o atingiu, atirando-o às águas. Viram-no debater-se e, pouco depois, ele desapareceu. Com um grito, Nádía correu para a borda na esperança de saltar no rio, mas antes disso foi agarrada e levada para um dos barcos.



outrem; vassalo.

¹⁰ Fluvial: feita através de um rio.



Omsk, capital oficial da Sibéria, fora atacada pelos tártaros, mas o governador-geral permanecia na cidade alta, onde continuava a resistir com poucas esperanças de socorro. As forças tártaras eram agora orientadas por Ivã Ogareff, que tinha como objetivo chegar a Ircutsque e, assim, aproximar-se do Grão-Duque sob falsa identidade e, no momento certo, entregar aos tártaros a cidade e o irmão de sua alteza, o Czar. A realização desse plano possibilitaria aos invasores o domínio de toda a Sibéria Asiática.

Para impedir isso, o Czar enviara Miguel Strogoff. Por sorte, o golpe que recebera não fora mortal e, nadando sob as águas, conseguiu com muito esforço alcançar a margem do rio, onde caiu desmaiado. Um camponês o recolhera havia três dias e lhe tratara o ferimento. Por meio desse homem, Strogoff soube que Nádia fora pega pelos tártaros. Respondendo às perguntas de Miguel, o camponês disse que estavam a menos de 10 quilômetros de Omsk. O correio precisava continuar sua viagem, mas o homem fez questão de acompanhá-lo até a cidade.

Chegando a Omsk, Miguel evitou as ruas mais movimentadas, pois temia encontrar sua mãe, que certamente o reconheceria. Entrava numa cocheira quando um destacamento de cavalaria tártara, comandado por um oficial, surgiu. Os dois se esconderam e Miguel perguntou ao camponês quem era o oficial.

— É Ivã Ogareff — disse ele em tom de raiva.

Miguel acabava de reconhecer no oficial não só o viajante que o agredira em Ichim como também o velho cigano de Nijni Novgorod. Precisava, no entan-

to, evitar ser visto pelo traidor e tomar, o mais breve possível, o caminho de Ircutsque. Na cocheira, Miguel teve que se contentar apenas com um cavalo. Ele teria que esperar anoitecer para sair da cidade. Permaneceu, então, nesse lugar, que estava sempre movimentado devido ao grande número de pessoas que iam lá em busca de notícias da guerra. De repente ouviu um grito que o fez estremecer:

— Meu filho!

Diante do rapaz, a velha Marfa sorria, abrindo-lhe os braços. Ele quase foi ao seu encontro, mas o pensamento do dever o deteve. Todos na cidade sabiam que o filho de Marfa Strogoff pertencia ao Corpo de Correios do Czar. E Miguel, apertando os punhos, teve que dizer:

— Sinto muito, mas a senhora está enganada. Nem sei de quem está falando. Eu sou o comerciante Nicolau Korpanoff. — Dito isso, saiu.

Marfa não tinha dúvidas de que era seu filho e sabia que ele jamais a renegaria¹³. “Só se fosse por razões fortíssimas”, pensou. Será que sem querer o prejudicara? E, voltando-se para os que a olhavam, disse:

— Estou louca! Ele não é meu filho... Sempre julgo vê-lo em toda parte...

Minutos depois um oficial tártaro aproximou-se da velha e a levou até a tenda onde estava Ivã Oga-reff. O traidor submeteu-a a um intenso interrogatório sobre a vida do filho e, depois, lhe perguntou quem era o homem que estava na cocheira.



¹¹ Retardo: atraso.



— Um moço siberiano que confundi com meu filho. Isso já aconteceu várias vezes... Sempre me engano.

Ogareff, não se contentando com a resposta, ameaçou-a com torturas, mas ela não pareceu abalada.

— Falo a verdade. O senhor acha que eu não reconheceria o meu filho?

O oficial não se convenceu. Ele não duvidava que o correio do Czar era portador de uma mensagem importantíssima e precisava descobri-la a qualquer preço. Ordenou que saíssem em sua perseguição e mandou que levassem a mulher para Tomsk, onde, na hora oportuna, a obrigaria a falar.

Tudo foi feito para que Miguel não pudesse sair de Omsk, mas ele conseguira deixar a cidade atravessando uma brecha nas fortificações. Por sorte, Strogoff ignorava que sua mãe estava nas mãos de Ogareff e talvez pagasse com a vida seu grito de alegria ao avistar o filho.

Miguel Strogoff dispunha apenas de dez dias se quisesse chegar a Ircutsque antes das colunas tártaras. Por vezes era preciso pernoitar em alguma cidade para permitir a seu cavalo, quase exausto, algumas horas de repouso. Aproveitava para obter informações sobre o prosseguimento da invasão tártara. Ficou sabendo que o líder Feofar-Khan estava em Tomsk, mas os invasores ainda não tinham chegado a Colivã. Miguel decidiu evitar Tomsk. Tentaria trocar o animal em Colivã e depois atravessaria o rio Obi. Tomada essa decisão, continuou seu trajeto.

Ao escurecer, apeando-se para reconhecer o terreno, escutou um rumor a oeste. Escondeu-se num pequeno bosque, de onde avistou uns 50 soldados tártaros. Aproximou-se com cuidado para poder ouvir a conversa deles. Falavam sobre o correio do Czar, que não deveria estar tão longe, e comentavam a bravura da velha siberiana que diziam ser a mãe do rapaz. Miguel agora não tinha mais dúvidas. Os tártaros sabiam de sua existência e, o pior, sua mãe era prisioneira de Ogareff. Era preciso sair o mais breve possível daquele local, pois fatalmente o destacamento de cavalaria o impediria de cumprir sua missão.



No momento de partir, um cavalo dos tártaros o presentiu e relinchou. Os cavaleiros correram para seus animais e puderam ver a silhueta de Miguel se afastando pela estrada. Tomava início a perseguição. O dia clareava quando Strogoff avistou o curso de Obi. Lançou, então, o cavalo ao rio e nesse momento um tiro vindo dos tártaros acertou o animal. Miguel livrou-se do cavalo rapidamente e, nadando sob a superfície, conseguiu alcançar a margem oposta, desaparecendo na beirada do rio.

O correio do Czar encontrava-se, agora, numa terrível situação: a pé e sem provisões. No entanto, cumpriria a qualquer preço o seu dever. Continuou sua caminhada e após algum tempo chegou a Colivã, onde desejava adquirir algumas roupas, provisões e um cavalo.

Na cidade travava-se uma luta entre os russos e os tártaros. O correio procurou abrigo num posto telegráfico. Quando ia dizer ao telegrafista que somente



desejava um pouco de pão e água, dois homens irromperam¹⁴ na sala, na pressa de um chegar antes do outro ao guichê do telegrafista. Eram os jornalistas Jolivet e Blount em plena disputa profissional. O inglês vencera a corrida e demorou o maior tempo possível para garantir exclusividade no furo. Jolivet estava impaciente, mas chegou a sua vez de telegrafar “à prima”, informando-a sobre a luta que se travava naquele instante.

Pouco depois, um tiro derrubava o inglês e o telegrafista comunicava que o fio fora cortado, retirando-se em seguida. O posto foi invadido por soldados tártaros que aprisionaram Miguel e os correspondentes de guerra quando tentavam fugir pela janela dos fundos. Eles foram levados para o acampamento de Feofar-Khan.

Miguel mostrava-se um prisioneiro dócil e paciente e esforçava-se para não ser visto por Ivã Ogareff. Sabia que só seria possível fugir depois de Tomsk, local onde havia maior concentração das forças tártaras, e por isso achou melhor ficar só, não se aproximando dos jornalistas. Alcide Jolivet tratava o melhor possível o ferimento de seu amigo. E, quando Blount se recuperou, ambos decidiram esperar a chegada do Coronel Ogareff e apelar para o reconhecimento de seus privilégios por serem correspondentes de guerra estrangeiros.

Após quatro dias Ivã Ogareff chegou ao acampamento tártaro. O corpo de exército era acompanhado pelo bando habitual de ciganos, mascotes e vagabundos, e entre eles via-se Sangarra. Era ótima espia e fora incumbida de espionar a velha Marfa, que integrava o grupo de prisioneiros.

¹² Estepe: planície vasta e inculta da Rússia.

Feofar-Khan recebeu Ogareff com um beijo, dando a entender aos presentes, segundo os costumes da região, que o nomeava chefe do conselho e o considerava provisoriamente um príncipe. O emir ouvia atentamente os conselhos de Ivã Ogareff, que se centralizavam em conquistar Ircutsque e com ela um refém precioso, o Grão-Duque, cuja posse valia por um país. Feofar-Khan concordou e prometeu que seu quartel-general seria transferido para Tomsk.



No momento em que Ogareff preparava-se para montar seu cavalo, dois homens, rompendo a barreira dos guardas, surgiram à sua frente. Eram os jornalistas, que, sabendo da chegada do ex-coronel russo, fizeram de tudo para irem ao seu encontro. O russo ordenou-lhes que se identificassem e ambos apresentaram suas credenciais de correspondentes de guerra a serviço de dois jornais europeus. Ogareff imediatamente os libertou e foi embora. Como os jornalistas estavam em liberdade, tinham agora em mente se reunirem aos russos, pois acreditavam que as tropas do Czar acabariam expulsando os invasores.

Entre as companheiras de Marfa destacava-se uma jovem que cuidava muito da idosa prisioneira. Nádía — pois não se tratava de outra pessoa —, sem saber, prestava à mãe de Miguel as atenções que ela própria dele havia recebido. Com a crescente amizade entre ambas, Nádía começou a contar alguns episódios de sua vida e um dia falou sobre Nicolau Korpanoff, a quem julgava morto.

A velha Marfa, desconfiando da semelhança de caráter entre o rapaz e seu filho, pediu-lhe mais deta-



lhes a respeito do moço. Nádia contou todos os momentos em que estivera com Nicolau e achava que por razões de dever e honra ele era obrigado a atravessar a Sibéria no mais absoluto segredo, pois nem a mãe, a quem muito amava, poderia visitar. Agora Marfa compreendia tudo, inclusive o estranho procedimento do filho ao se encontrarem em Omsk. Mas achou melhor nada revelar à moça, pois sabia que Miguel viajava em missão secreta, ocultando sua verdadeira identidade. No entanto, Nádia acabava de ter certeza de que o amigo que supunha estar morto era filho de Marfa. O que ambas ignoravam, porém, é que Miguel Strogoff estava aprisionado em Colivã e que, juntamente com elas, se dirigia a Tomsk.

A 15 de agosto chegaram ao povoado de Zaba-dieiro e acamparam às margens do rio Tom. Ivã Oga-reff voltara ao acampamento de onde, no dia seguinte, devia partir a retaguarda do exército tártaro.

Ao anoitecer, Marfa e Nádia dirigiram-se ao rio, onde os prisioneiros matavam a sede. Nádia deixou escapar um grito. Acabara de ver Miguel a apenas alguns passos de distância! O rapaz fez o máximo de força para ficar indiferente, ainda mais quando viu Nádia e sua mãe juntas. A moça ia ao seu encontro, mas Marfa a deteve e confessou que Nicolau e Miguel eram a mesma pessoa.

Esse encontro não teria más consequências caso Sangarra não o tivesse presenciado. A cigana, embora não conseguisse identificar Miguel, compreendera perfeitamente a significação da cena entre as duas mulheres. E imediatamente foi contar

a Ivã Ogareff que o filho de Marfa era um dos prisioneiros do acampamento.

No dia seguinte, Ogareff, acompanhado de vários oficiais, surgiu no acampamento. Os prisioneiros homens foram colocados em círculo ao longo de toda a área. Sangarra trouxe a velha Marfa para o meio do círculo onde se encontrava Ivã Ogareff. Os prisioneiros desfilariam um a um diante dela, até que pudesse identificar o filho.

— Se você não apontar seu filho, receberá tantas chicotadas quantos forem os homens que passarem! — disse ele rispidamente.

Nádia tinha escutado tudo e agora sabia por que Miguel era obrigado a viajar incógnito pelas províncias invadidas. O rapaz conseguira manter-se impassível e a mãe nada falara. Irritadíssimo, Ogareff ordenou que a chicoteassem. O soldado ergueu o chicote — chicote de couro com pontas de ferro — no ar, mas, antes que ele ferisse a mulher, uma mão forte o arrancou do tártaro. Miguel não se controlou diante da terrível situação. Ivã Ogareff triunfava ao descobrir Miguel Strogoff, como também ao reconhecer que era o mesmo homem do incidente em Ichim.

— Ele mesmo! — gritou Miguel. E, erguendo o chicote, rasgou com um violento golpe a face do traidor, acrescentando: — Pago o que lhe devo!

Os soldados se atiraram sobre o correio e o matariam se Ogareff, morrendo de ódio e dor, não os contivesse. Revistaram-no e encontraram a carta com as armas imperiais junto ao seu peito. Depois





de ler e reler a carta, Ogareff ordenou que amarrassem o correio do Czar e o levassem a Tomsk com os outros prisioneiros.

Em Tomsk o emir mandara organizar para suas tropas vitoriosas uma grande recepção. No final da tarde, Ivã Ogareff e sua escolta chegavam ao local da cerimônia. Uma extensa cicatriz cortava o rosto do traidor, que já começava a ser chamado de “o Cicatriz”. Jolivet e Blount também estavam presentes, pois não queriam perder um espetáculo que poderia render-lhes uma excelente reportagem.

A cerimônia teve início com um desfile de todos os prisioneiros perante o emir. Ao passar Marfa Strogoff, Ivã Ogareff mandou que ela permanecesse naquele lugar. Nádia seguiu com os outros e Miguel foi levado à presença do emir. Ogareff explicou quem era o prisioneiro, pois sabia que assim a sentença de Miguel Strogoff seria horrível.

O emir apontou o Corão — um livro sagrado para os islâmicos¹⁵ — e o abriu ao acaso, pondo o dedo numa das páginas. Segundo o costume tártaro, o próprio Deus, conhecido por eles como Alá, iria decidir a sorte de Strogoff, através do versículo sobre o qual se encontrava o dedo do emir. Foi lido em voz alta:

“E ele não mais verá as coisas da Terra.”

A um gesto do emir, Miguel foi levado para o meio da praça, onde todos o pudessem ver. O maléfico Feofar-Khan lhe disse:

— Espião dos russos, é a última vez que viu o que se passa num acampamento tártaro. Dentro de poucos instantes seus olhos não verão mais nada!

¹³ Renegar: repelir; rejeitar.

¹⁴ Irromper: entrar com ímpeto, com

A condenação de Strogoff era a cegueira e não a morte. Segundo o costume dos tártaros, Miguel perderia a visão ao calor de uma lâmina ardente imobilizada diante de seus olhos. O rapaz não tentou resistir, apenas disse para a mãe, que estava a alguns passos:

— Quero que meus olhos se fechem olhando para o seu rosto!

Com os olhos abertos, Marfa Strogoff também olhava o filho. A lâmina em brasa passou diante dos olhos de Miguel. Nesse instante a velha Marfa caiu desmaiada no chão. Cumprida a sentença, o emir e sua comitiva se retiraram, ficando apenas Ogareff. O traidor aproximou-se do supliciado¹⁶ e lhe mostrou, com muita ironia, a carta imperial.

— Leia essa carta, Strogoff. E vá a Ircutsque transmitir ao Grão-Duque o que o irmão dele tem a dizer. O verdadeiro correio do Czar é agora Ivã Ogareff!

E saiu em seguida. Miguel ficou só. Arrastou-se, tateando, até onde estava sua mãe. Curvou-se sobre o corpo de Marfa e, ouvindo as batidas do seu coração, ficou aliviado ao saber que ela estava viva. Então murmurou algumas palavras, apesar de ela continuar imóvel. Nesse instante Nádia apareceu e correu para o amigo.

— Venha, meu irmão — disse angustiada. — Eu o levarei a Ircutsque. Você ainda tem os meus olhos!

Meia hora depois os dois haviam deixado Tomsk, indo em direção à estrada de Ircutsque, enquanto a velha Marfa ficara em Tomsk. Em dado momento, ouviram rumor na estrada. Iam se esconder quando



violência;
precipitar-se.

¹⁵ Islâmico: o mesmo



Nádia verificou que era apenas um rapaz num carro pequeno, de duas rodas. O moço parou e, compadecido ao ver o cego, ofereceu carona. O rapaz chamava-se Nicolau Pigassof e vinha de Colivã, onde trabalhava como telegrafista. Miguel reconhecera sua voz, era o mesmo homem que estava no posto telegráfico quando ele e os jornalistas foram aprisionados.

Miguel Strogoff adiantara-se bastante em relação aos tártaros no caminho a Ircutsque e seguia calmamente sua viagem. Sempre paravam em algumas cidades para descansarem e refazerem o estoque das provisões. Na tarde de 5 de setembro, uma lebre atravessou o caminho e Nicolau, lembrando-se de uma velha superstição russa que considera o fato um mau presságio, não pôde esconder sua preocupação.

No dia 8 de setembro, alguns indícios mostravam que a segurança da viagem estava ameaçada, como que confirmando os receios de Nicolau. O território, até então livre do invasor, apresentava agora sinais de maldade e vandalismo que só os tártaros seriam capazes de fazer. À medida que avançavam, mais mortos se viam nas margens da estrada.

Ao cair da tarde avistaram Nijni Udinsque e, receosos de que a cidade estivesse ocupada pelos tártaros, pensaram em abandonar a estrada e seguir pela estepe, campo de vegetação típica da região. Mas um grupo de soldados atingiu o cavalo do carro e os cercou, aprisionando os três viajantes. Os prisioneiros foram jogados nos cavalos e Miguel, cuja cegueira os tártaros logo descobriram, foi amarrado à sela de um cavaleiro e teve que seguir a pé.

Na noite de 11 de setembro, os soldados fizeram uma parada e começaram a beber. Quando partiram, completamente bêbados, deixaram Nádia abandonada na estrada. Como a corda que prendia Miguel já estava esgarçada, rompeu-se com facilidade. Assim, os dois novamente estavam sozinhos na estrada.



A 12 de setembro, vinte e cinco quilômetros além, cansados e famintos, entraram numa aldeia abandonada e, com os mantimentos que Nádia encontrou numa casa, fizeram uma boa provisão. Durante a caminhada avistaram muitos cadáveres, entre os quais estava o telegrafista Nicolau. Strogoff, com ajuda de sua companheira, abriu uma cova para enterrar o amigo. A coluna tártara deixava seu rastro, indicando que marchava para Ircutsque. A 18 de setembro avistaram o rio Dinka e entraram numa aldeia. Apesar da estafa de Nádia, resolveram atravessar o rio. Por vezes Miguel levava a moça nos braços e conseguia seguir a caminhada. Era 2 de outubro quando finalmente surgiu o lago Baical, tendo como escoadouro o Angara, que depois de passar por Ircutsque vai se jogar no Ienissei. Restava ainda percorrer 150 quilômetros para chegar ao fim da viagem. Isso levaria três dias para uma pessoa sadia.

Ao se aproximarem do lago, a moça viu um grupo de pessoas paradas à beira d'água. Pensou que fossem tártaros, mas se tranquilizou ao perceber que eram russos, e até desmaiou de alegria. Eles logo foram socorridos pelo grupo. Os russos, para fugirem dos batedores tártaros, construíram uma jangada e pretendiam, através do rio Angara, chegar a Ircutsque. Às oito da noite a



jangada partiu. Entre os integrantes do grupo estavam os jornalistas Jolivet e Blount.

Durante o percurso, um breve perigo foi descoberto casualmente por Jolivet, que, deitado à borda da embarcação, mergulhara a mão na água e surpreendera-se com sua consistência viscosa. O francês verificou que era nafta¹⁷, um óleo mineral altamente combustível. Uma simples faísca seria bastante para incendiar a superfície do Angara, mas, certo de que se oporiam a qualquer interrupção da viagem, resolveu nada dizer aos companheiros.

Por volta de uma hora da manhã, o leito do rio estava obstruído pelos blocos de gelo e a jangada não pôde mais avançar, apesar dos desesperados esforços dos viajantes, que percebiam claramente as luzes e os ruídos dos postos avançados tártaros nas margens. De repente partiu de ambas as margens do rio um tiroteio e ninguém teve mais dúvidas de que os tártaros os tinham descoberto.

Miguel explicou a Nádia que precisavam sair da jangada e atravessar a barragem de gelo sem serem vistos. Dez minutos depois tinham atingido a borda inferior da barragem, onde as águas do Angara estavam de novo livres. Os dois se estenderam sobre um bloco de gelo que, com um empurrão de Miguel, começou a deslizar no rio. Ambos escutavam penalizados os gritos dos feridos, mas nada podiam fazer para ajudá-los.

Cerca de duas horas da manhã, uma dupla linha de luzes clareou as margens do rio, à direita a da cidade de Ircutsque, à esquerda a do acampamento

que islamita; pessoa que segue o culto do Islamismo; maometano.

¹⁶ **Supliciado:** que, ou o que sofreu supli-

tártaro. Estavam quase chegando ao final da viagem quando Nádía soltou um grito de pavor. A correnteza do Angara estava em chamas. Miguel imediatamente tomou a jovem nos braços e procurou abrigo nas profundezas da água, nadando em seguida sob a superfície na direção do cais, que se encontrava bem próximo a eles. Ali chegando, tinham como objetivo ir ao palácio do governador.



Enquanto isso, a terceira coluna tártara já havia chegado a Ircutsque e se juntado às outras no dia 25 de setembro. Ivã Ogareff esperava apanhar a cidade de surpresa, mas o Grão-Duque organizara uma resistência com todos os habitantes da cidade e mais aqueles que vinham de povoações vizinhas. O emir, a conselho de Ogareff, atacou duas vezes, mas as forças do príncipe conseguiram repelir os invasores. Ivã Ogareff resolveu executar seu último plano.

No dia 2 de outubro reuniu-se no palácio do governo um conselho de guerra sob a presidência do Grão-Duque. Um representante dos 500 exilados políticos de Ircutsque transmitiu ao Grão-Duque o pedido de seus companheiros, que desejavam formar um corpo especial combatente. O príncipe concordou e determinou que os exilados indicassem o chefe. O escolhido foi Vassili Fédor, médico conceituado, homem culto e corajoso. Pouco depois ele entrava na sala do conselho; um homem de uns quarenta anos, de fisionomia triste.

— Comandante Fédor, saiba que não é mais um exilado — disse o Grão-Duque.



— Obrigado, Alteza. Mas posso comandar aqueles que ainda são?

— Eles também não são mais exilados!

Essa atitude do príncipe diminuía um pouco a amargura que Vassili Fédor sentia por não saber o destino de sua filha Nádía, que deixara Riga alguns dias antes da invasão tártara para ir ao encontro do pai.

Quando o Grão-Duque ia despedir seus oficiais e conselheiros, um de seus empregados entrou no salão e anunciou:

— Alteza, um correio do Czar!

Um homem com ar exausto, em trajes de camponês siberiano, apresentou-se diante do Grão-Duque. O calçado gasto demonstrava que ele devia ter feito grande parte da viagem a pé. Uma cicatriz cortava-lhe a face. Depois de cumprimentar o príncipe, apresentou-se:

— Sou Miguel Strogoff, do Corpo de Correios do Czar, saído de Moscou no dia 15 de julho...

O pretense correio do Czar era o traidor Ivã Ogareff que assumira a identidade de Strogoff, cujos documentos pessoais roubara, e, na qualidade de emissário do imperador, pretendia aproximar-se de sua Alteza e assassiná-lo, executando, assim, seu terrível plano.

Todos se retiraram e o Grão-Duque pediu ao correio a carta de seu irmão. Ogareff apresentou-lhe um papel bem dobrado e explicou que retirara o envelope para esconder dos soldados do emir durante os dias em que fora prisioneiro dos tártaros. O Grão-Duque

examinou atentamente a assinatura para certificar-se da sua autenticidade. Depois perguntou ao correio se ele conhecia o conteúdo da carta. Ogareff respondeu que resolveu decorá-la, pois poderia destruí-la para evitar que caísse nas mãos dos tártaros.



— Então você sabe dos movimentos de tropas ordenados para deter a invasão?

O traidor fez uma hábil narrativa. E exagerou quanto à estimativa das vitórias tártaras e das derrotas russas, cujas perdas assumiam proporções tão impressionantes que o Grão-Duque chegou a empalidecer. Também falou que havia conhecido o traidor Ivã Ogareff na época em que fora prisioneiro dos tártaros.

— Sua Majestade o Czar me preveniu contra ele. Ivã Ogareff jura vingar-se de Vossa Alteza pela humilhante degradação a que o condenou.

Como o falso correio do Czar dizia ter conhecido o traidor Ogareff, o Grão-Duque recomendou que ele ficasse atento para a possibilidade de ele aparecer e determinou que o falso correio se integrasse à sua guarda pessoal, instalando-se no palácio. Livre para ir e vir onde e quando desejasse, Ogareff pôde estudar com cuidado os pontos fracos da defesa da cidade, particularmente a porta Bolchaia, excelente via de acesso para os invasores.

Certa noite o falso correio encontrou-se com Sangarra. Entregou a ela um bilhete endereçado ao emir, informando-lhe de que resolvera entregar Ircutsque na noite seguinte, de 5 para 6 de outubro. O traidor planejara retirar os defensores da porta



Bolchaia, concentrando-os em determinados pontos através dos quais os tártaros simulariam¹⁸ atacar a cidade. Durante o dia 5 reinou grande agitação no campo dos tártaros, que movimentaram suas tropas para os falsos pontos de ataque, confirmando assim a informação que Ogareff dera ao Grão-Duque. Os locais que o falso correio havia indicado foram reforçados com elementos de outros locais menos ameaçados. Com isso, a porta Bolchaia não poderia resistir por muito tempo à invasão tártara.

Até as duas da manhã nada aconteceu, e a guarnição russa começou a acreditar que o ataque não se realizaria. Mas, segundos depois, Ivã Ogareff, da janela de seu quarto do palácio, que dá para o Angara, acendeu uma mecha de estopa cheia de pólvora e atirou-a no rio. A espessa camada de óleo mineral que cobria a superfície do rio fora ideia de Ogareff, que resolvera utilizar as fontes de nafta exploradas acima de Ircutsque e, para incendiar a cidade, mandou que fosse derrubada a parede de um dos grandes reservatórios para que a nafta caísse no rio e se misturasse com a água. Quando a estopa caiu nas águas do Angara, um violento incêndio se propagou com incrível rapidez pelos edifícios ribeirinhos, destruindo-os completamente. Era o início do ataque tártaro!

A população ficou dividida entre o combate às chamas e a resistência ao avanço tártaro. Favorecidos pela confusão geral, Miguel e Nádia, que conseguiram escapar do incêndio, entraram sem dificuldades no palácio, mas logo se perderam um do outro no

tumulto que havia nos salões e corredores. Angustia-da, a moça começou a percorrer as dependências do palácio, até que se encontrou cara a cara com o terrível inimigo. Ivã Ogareff ia até a porta do Bolchaia, cuja defesa fora entregue ao corpo de exilados, quando deparou com Nádía. De princípio, achou que era Sangarra, mas logo viu que se enganara.



— Ivã Ogareff! — gritou Nádía, surpreendida.

Ao ouvi-la pronunciar seu nome, o traidor avançou em sua direção, disposto a matá-la para que ela não revelasse a verdadeira identidade do falso correio. A moça gritou o nome outra vez e ele, enfurecido, tirou um punhal da cintura e estava prestes a golpeá-la quando sentiu que lhe tiravam a arma da mão. Strogoff ouvira os gritos de Nádía e viera em seu socorro.

— Cuidado! Ele está armado e enxerga! — preveniu a moça.

Ogareff, agora de posse de uma espada, julgou que não teria dificuldade em vencer um cego. Miguel preparou-se para enfrentá-lo, tendo apenas como arma sua faca siberiana. Ivã Ogareff tentou dois golpes de espada contra o peito de Strogoff, que conseguiu apará-los com um leve movimento da faca. Surpreso, o traidor fixou o olhar nos olhos do cego.

— Ele enxerga, ele enxerga! — gritou, recuando apavorado.

— Sim, e vejo a cicatriz que fiz no seu rosto, covarde!



As lâminas se cruzaram uma, duas vezes, e então, com um golpe violento, a faca do siberiano fez voar a espada do adversário e acertou no coração do traidor, que caiu sem vida aos pés de Miguel. Nesse momento o Grão-Duque apareceu, seguido de alguns oficiais, e perguntou quem matara o correio do Czar.

— Eu, Miguel Strogoff. Vossa Alteza, esse homem que acaba de morrer é o traidor Ivã Ogareff!

Miguel Strogoff não ficara cego depois do suplício a que o condenara o líder inimigo Feofar-Khan. No instante em que a sentença era executada, Miguel olhava para Marfa com a angústia de um filho que vê a mãe pela última vez. Seus olhos ficaram cheios de lágrimas, e foram elas que o salvaram da cegueira. As lágrimas formaram uma camada de vapor que se interpôs entre a espada ardente e as pupilas do condenado, anulando a ação do calor.

O rapaz compreendeu o perigo que corria caso alguém soubesse que não estava cego e achou que essa situação o ajudaria na execução de seus planos. Só para a mãe dissera a verdade, quando lhe falara ao ouvido, no local do suplício. A velha Marfa entendera as intenções do filho e, por isso, continuara imóvel, para que ninguém desconfiasse de nada.

Assim, quando Ogareff lhe pusera diante dos olhos a carta imperial, Miguel a pudera ler perfeitamente, tomando desse modo conhecimento dos odiosos projetos do traidor. Daí seu empenho para chegar a Ircutsque antes de Ogareff e salvar a cidade e a vida do Grão-Duque. Tudo foi narrado ao

príncipe, inclusive o desempenho de Nádia, filha do exilado Vassili Fédor.

— Quer dizer, do Comandante Fédor — corrigiu o Grão-Duque. — Agora não existem mais exilados em Ircutsque.

Nádia, agradecida e emocionada, foi logo ao encontro de seu pai, que não cabia de contentamento ao vê-la sã e salva. O corpo do ex-exilado conseguira esmagar o assalto à porta Bolchaia, os tártaros foram repelidos em todas as partes e os sitiados em pouco tempo dominaram o incêndio. Antes de clarear o dia, as tropas do traidor Feofar-Khan haviam regressado ao acampamento com inúmeros mortos, entre eles a cigana Sangarra.

A 7 de outubro chegou o exército de socorro, e os invasores, desorientados com a morte de Ogareff e temendo uma batalha em campo aberto, levantaram acampamento. Ircutsque estava livre. O exército do Czar conseguira reconquistar todas as cidades ocupadas pelos tártaros e apenas os poucos sobreviventes regressaram à Tartária.

Embora tivesse pressa em voltar a Moscou, o Grão-Duque retardou com muito prazer a viagem para servir de testemunha a um casamento. A cerimônia se realizou na catedral de Ircutsque, e quase toda a população compareceu, homenageando o jovem casal Miguel e Nádia, cuja odisseia¹⁹ se tornara lendária.

Entre os convidados estavam os inseparáveis jornalistas Alcide Jolivet e Harry Blount. Eles comentavam sobre as tensas relações entre Londres e Pequim e alguns dias depois já partiam para a China.



justiça.
17 Nafta: betume



Miguel e Nádia, acompanhados pelo pai da moça, Fédor, retomaram o caminho da Europa, onde foram se encontrar em Omsk com a velha Marfa, que os recebeu muito feliz. O casal fixou residência em Petersburgo, onde Miguel ocupava uma alta posição no Império, mérito esse que não deveria ser dado somente para seus êxitos como também para suas provações.

O Autor



Nenhuma outra obra literária refletiu com tanta fidelidade a história de sua época como a coletânea dos romances de Júlio Verne, conhecida como *Viagens extraordinárias*.

Nascido em Nantes, na França, a 8 de fevereiro de 1828, filho de Pedro Verne, cuja família orgulhava-se de sua tradição na advocacia, e de Sofia Alotte, proveniente de rica família de armadores, Júlio Verne mostrava uma forte inclinação para a literatura desde sua infância.

Talvez devido à sua formação familiar, Verne tenha se inclinado para um novo gênero literário: a ficção-científica, resultado da união de seus conhecimentos sobre a vida dos homens do mar, daquela época, cheia de aventuras, e sua formação escolar, na faculdade de direito, que o ensinara a raciocinar logicamente, e a aceitar somente os fatos como verdadeiros.

Júlio Verne, entretanto, viveu durante uma época privilegiada. O homem do século XIX conjugava harmoniosamente a ciência e a tecnologia. Uma mesma geração assistiu ao descobrimento da eletricidade, do automóvel, do avião, do rádio, do submarino, dos tecidos sintéticos, do cinema...

Verne assistiu a todos estes acontecimentos e antecipou-se a muitos deles. Maravilhava-se, assim



como seus contemporâneos, com a velocidade que o progresso adquiria. Tudo isto o levou a uma ideia, em que trabalhou com afinco desde seus 24 anos até sua morte em 24 de março de 1905: escrever a novela da ciência, estabelecendo uma ponte entre a ciência e a literatura. Para tanto, contava apenas com uma ferramenta: sua imaginação fértil, cujo ponto de partida era o estudo, a observação e a curiosidade.

Nem mesmo seu casamento com Honorina Hebè, o nascimento de seu filho Michel, ou suas ocasionais rugas com seu pai, o desviaram de seu propósito.

Seu profundo respeito para com a ciência nunca o deixou afastar-se do racionalismo ou realismo. E, mesmo em obras mais fantásticas, como *Viagem ao centro da Terra*, *Da Terra à Lua* e outras, sua finalidade era usar a fantasia para ilustrar os conhecimentos de sua época em astronomia, matemática, física, paleontologia, mineralogia etc.

Em suma, sua vida resumiu-se a retratar sua época, por isso Verne está profundamente imerso em seu tempo e expressa aspectos importantíssimos desse período. Seus personagens, em sua maioria, não são senão veículos de uma ideia ou agentes de uma empresa, quando não meros símbolos.

A coragem, a tenacidade, a lealdade, a nobreza de sentimentos não isenta de uma certa ingenuidade, tais como as principais características, em ocasiões um tanto estereotipadas, do herói verniano, que não se define tanto por si mesmo como pelo que faz.

As Datas

- 1853 Publica *Colin-Maillard*.
- 1855 Publica *Les Compagnons de La Marjolaine*.
- 1860 Publica *L'Auberge des Ardennes*.
- 1863 *Cinco semanas em um balão*, novela que havia sido publicada em capítulos pelo periódico *Magazin d'Éducation et de Récréation*, é publicado em volume único.
- 1864 Publica *Viagem ao centro da Terra*.
- 1865 Publica *Da Terra à Lua*.
- 1868 Publica *Os filhos do Capitão Grant*.
- 1870 Publica *Vinte mil léguas submarinas*, *Capitão Hatteras* e *Viagem ao redor da Lua*.
- 1873 Publica *A volta ao mundo em oitenta dias*.
- 1874 Publica *A ilha misteriosa* e, junto a Dennery, monta a peça adaptada do romance homólogo *A volta ao mundo em oitenta dias*.
- 1875 Publica *O Chanceler, diário do passageiro J.R. Kazallon*.
- 1876 Publica *Miguel Strogoff*.
- 1878 Publica *Um Capitão de quinze anos*, e adapta, para o teatro, o romance *Os filhos do Capitão Grant*.
- 1879 Publica *Tribulações de um chinês na China*.
- 1882 Estreia a comédia, em três atos, *Voyage à travers l'impossible*.
- 1883 Estreia a peça: *Kériban le Tétu*.
- 1887 Estreia *Mathias Sandorf*, peça em cinco atos adaptada do romance homólogo.
- 1888 Publica *Dois anos de vocações*.
- 1896 Publica *As viagens do Capitão Cook*.
- 1898 Publica *Le Superbe Orénoque*.
- 1899 Publica *Le Testament d'un Excentrique*.
- 1900 Publica *Seconde Patrie*.
- 1901 Publica *Le Village Aérien*.
- 1902 Publica *Les Frères Kip*.

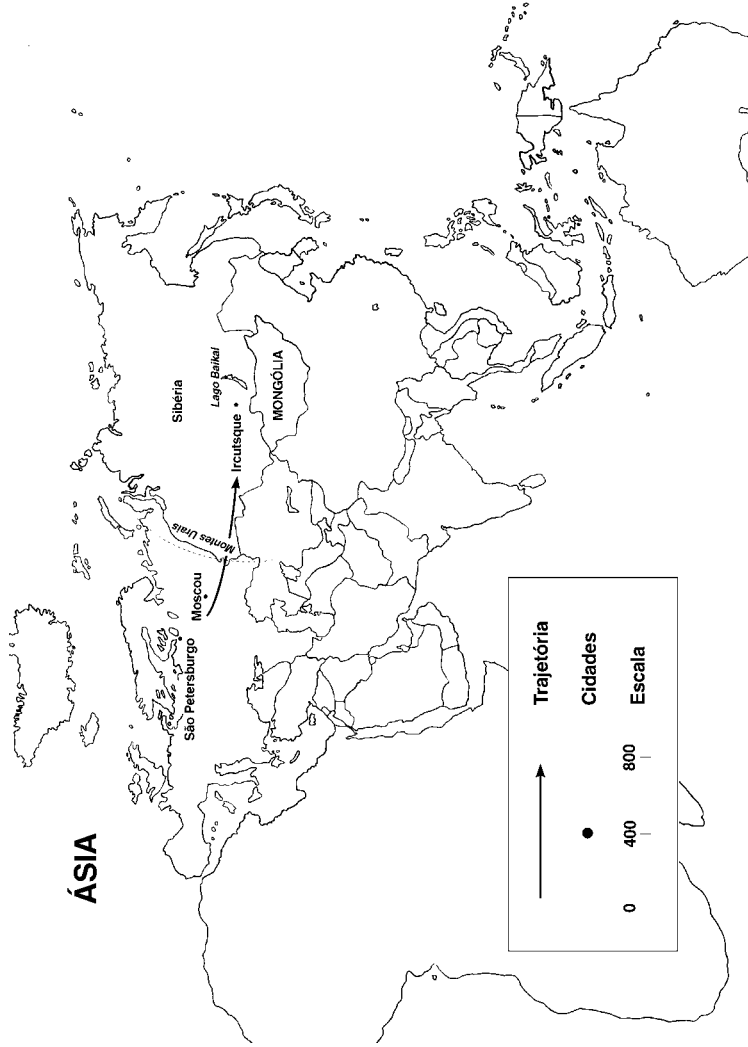


Roteiro de Leitura

1. Qual a grande preocupação do Czar da Rússia?
2. Quem era o grande traidor? Como era ele?
3. O que poderia substituir o telégrafo cortado?
4. Quem seria o correio? Como era ele?
5. O que o Czar lhe confiou?
6. O que Miguel deveria fazer com essa carta e que perigos devia evitar?
7. Sob o nome de Nicolau Korpanoff, Miguel deveria viajar. Contava com uma boa quantia em dinheiro e uma licença especial de viagem. Ao iniciar a viagem dois acontecimentos ocorreram. Quais foram?
8. Duas pessoas viajavam pela Rússia sem serem importunadas. Quem eram?
9. Quem viajava no mesmo navio e o que eles sabiam?
10. Acompanhado da jovem Nádia Fédor, filha de Vassili Fédor, Miguel seguiu a viagem por terra. Quem encontrou em meio a um temporal e o que eles lhe contaram?
11. Que outro incidente marcou essa viagem?
12. Os tártaros haviam atacado Omsk. Agora eram orientados por Ivã Ogareff. O que ele pretendia?
13. Nádia fora pega pelos tártaros e Miguel, embora ferido, conseguira chegar a Omsk onde foi reconhecido pela mãe. O que aconteceu?
14. Miguel Strogoff foi preso em Colivã junto com os dois jornalistas e levado ao acampamento de Feofar-Khan, chefe dos tártaros. Quatro dias depois chegava Ivã Ogareff. O que aconteceu aos dois repórteres? Quem estava no acampamento?
15. Em Zabadieiro, Sangarra presenciou o reconhecimento de Miguel por Nádia e relatou o fato a Ogareff. O que fez o coronel?

16. Marfa não cedeu. O que aconteceu quando ia começar a ser chicoteada?
17. Já em Tomsk, Ivã Ogareff apresentou os prisioneiros ao emir. Após saber quem era Miguel, como o emir escolheu sua pena e qual seria ela?
18. De posse da carta imperial, o correio agora era Ivã Ogareff. Enquanto isso Nádia servia de guia a Miguel para levá-lo a Ircutsque. No dia 25 de setembro, chegou ao palácio do Grão-Duque o correio do Czar. O que pretendia o correio?
19. O Grão-Duque acolheu o falso correio que preparava o ataque das tropas tártaras à cidade. O que aconteceu quando os tártaros chegaram?
20. O Grão-Duque soube de toda a história verdadeira. O ex-exilado Vassili Fédor, pai de Nádia, repeliu os tártaros, que levantaram acampamento e regressaram à Tartária. O que aconteceu a Miguel e Nádia?





Miguel Strogoff deveria partir de Moscou, transpor os Montes Urais e chegar à Sibéria, onde em Irkutsk, cidade próxima à Mongólia, ao lado do Lago Baikal, deveria levar uma mensagem do Czar. Após realizar a tarefa, Miguel casou-se com Nádia e foram morar em São Petersburgo.